

A CONSTITUIÇÃO DA AUTORIA NAS CIÊNCIAS EXATAS E HUMANAS

Diego José Alves Alexandre¹
Severino Rodrigues da Silva²

RESUMO: Considerando-se o discurso científico um domínio que abarca diversos gêneros, como monografia e artigo científico, e que, além disso, esses gêneros são uma forma pela qual os pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento expressam o fazer científico, o presente trabalho tem como objetivo o de analisar as marcas linguísticas através das quais os autores-pesquisadores, no momento da produção acadêmica, dialogam com a alteridade. Noutra perspectiva, a pesquisa pretende perceber como o fenômeno da autoria é tratado nas Ciências Exatas e nas Ciências Humanas. Para tanto, buscou-se na obra de Bakhtin (2003; 2004), Authier-Revuz (2004) e Foucault (1992) o embasamento teórico necessário para a observação dos traços linguísticos que concretizam o discurso do *outro* no discurso do *eu*. Nesse sentido, em se tratando do espaço acadêmico, o outro advindo dessa relação não é o que materializa a linearidade textual, mas que, num sentido mais amplo, é o que constitui o sujeito. Assim, a enunciação torna-se impossibilitada de ser monológica, visto que o pesquisador, quando pesquisa, responde ao discurso do outro, dialoga com as leituras e experiência acadêmica vivida, cria expectativas em relação ao destinatário do seu texto e, de tal modo, constitui-se como autor.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria; discurso acadêmico; dialogismo.

RESUMEN: Considerando el discurso científico un dominio que abarca varios géneros, como monografía y artículo científico, y que, además, estos géneros son una manera por la cual los investigadores de áreas distintas del conocimiento expresan el hacer científico, el presente trabajo tiene como objetivo analizar los rasgos lingüísticos a través de los cuales los autores investigadores, en el momento de la producción académica, dialogan con la alteridad. En otra perspectiva, la investigación pretende percibir como el fenómeno de la autoría es tratado en las Ciencias Exactas y en las Ciencias Humanas. Para eso, se buscó en la obra de Bajtín (2003; 2004); Authier-Revuz (2004) y Foucault (1992) el aporte teórico para la observación de los rasgos lingüísticos que concretizan el discurso del *otro* en el discurso del *yo*. En este sentido, hablando de espacio académico, el otro que viene de esa relación no es lo que materializa la linealidad textual, pero que, en un sentido más amplio, es lo que constituye el sujeto. Entonces, la enunciación tornarse imposibilitada de ser univocal, ya que el investigador, cuando investiga, contesta al discurso del otro, dialoga con las lecturas y experiencia académica vivida, crea expectativas en relación al destinatario de su texto y, de tal manera, se constituye como autor.

PALABRAS-CLAVE: Autoría; discurso académico; dialogismo.

1. Introdução

Pensar em autoria requer perceber, antes de tudo, que os indivíduos interagem. Assim, por essa interação, são capazes de viver em sociedade e manter a dinâmica histórico-cultural.

¹ Graduando em Letras pela UFPE, licenciatura em Português-Espanhol.

² Graduando em Letras pela UFPE, licenciatura em Português-Espanhol.

Nesse sentido, uma das funções da linguagem é dar existência à sociedade, isto é, os seres humanos – seres sociais – vivem porque estão interagindo e a existência se dá por meio da linguagem.

Desse modo, percebemos a alteridade como parte fundamental para a constituição do sujeito, visto que, para Bakhtin, as relações dialógicas se preocupam em observar os seres como, ainda que individuais, agentes sociais com certos posicionamentos axiológicos, levando-nos a ser, como pontua Rodrigues (2011, p. 22), efeito da alteridade. Por estarmos “permanentemente participando de um diálogo que nunca se finda”, estabelecemos significação de natureza semântica ante os enunciados, pois “nossa consciência, longe de ser individual, é plurivocal”. (Idem, p. 22).

A partir de uma visão de que o mundo é múltiplo e heterogeneamente interpretado, Bakhtin, de acordo com Faraco (2005), contribui para a concepção de que a linguagem é “concebida como heteroglossia, como um conjunto de formações verbo-axiológicas” (FARACO, 2005, p. 40). Dessa maneira, ainda de acordo com Faraco (2005), no ato da criação, há um constante deslocamento envolvendo as línguas sociais, “pela qual o escritor (que é aquele que tem o dom da fala refratada) direciona todas as palavras para vozes alheias e entrega a construção do todo artístico a uma certa voz”. (p. 40). Portanto, o discurso do autor-criador não é a voz direta do escritor, mas um ato de apropriação de voz refratada de uma voz social qualquer. Desse modo, pois, para Bakhtin, a linguagem tem que, necessariamente, ser deslocada. Caso contrário, não é esteticamente criativa.

Partindo do aspecto acima levantado, acerca da heterogeneidade, é possível perceber nas observações de Authier-Revuz (2004) a compreensão de que no ato discursivo o locutor possui importância fundamental para a produção de sentidos e, assim, para a inserção do outro no discurso. O texto, então, enquanto espaço para o desenrolar da interação verbal, não possui sentido acabado, visto que está sempre produzindo relações dialógicas e faz delas um amplo leque de leituras possíveis, levando, inevitavelmente, à compreensão a uma “leitura plural” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 26). Todo discurso, então, é dirigido a um interlocutor, valendo-se a ressalva para o fato de que não há mensagem pronta e transmitida. Em verdade, o que podemos considerar é que a mensagem se forma no processo de comunicação e é construída através de pontes ideológicas. Assim, o receptor não é um mero alvo do que se pretende com o discurso, mas um elemento fundamental para a constituição de enunciados.

No momento em que produzem suas pesquisas científicas, graduandos revelam dificuldades quanto ao estabelecimento do diálogo com outros autores e à obediência às regras acadêmicas. Levando em conta o fato de que a palavra comunga com diversas individualidades, isto é, é interindividual, esta não possui o falante como seu único detentor, mas, num sentido mais amplo, interage com outras vozes e, assim, nos dá margem para apreender seu efeito de significado em qualquer enunciado. Assim sendo, toda enunciação está envolvida por um conteúdo ideológico e por posicionamentos valorativos. Somos, ao mesmo tempo, seres individuais, pois nos projetamos no mundo de maneira singular; e sociais, pois existimos numa interação intermitente com o outro, ou seja, a partir da emersão deste outro, constituímos a nós mesmos. A noção de sujeito para essa perspectiva, então, está atrelada à formação do *eu* a partir do reconhecimento do *outro* e de sua heterogeneidade.

Para Bakhtin (2002, pp. 395-400), o “objeto das Ciências Humanas nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado”, enquanto que, o objeto de estudo das Ciências Exatas expressa “uma forma monológica do saber; o intelecto contempla uma coisa e emite uma enunciado sobre ela”. Em consonância com tal perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo principal a observação de como os pesquisadores de diferentes áreas, Letras e Matemática, no momento em que fazem suas pesquisas, apreendem as múltiplas vozes – a do interlocutor, a de outros autores e a do meio acadêmico – e, assim, constituem-se como autores de seus próprios textos. O objetivo específico se pauta na análise de como nessas áreas – Ciências Humanas e Ciências Exatas – se dá a constituição da autoria, buscando-se levar em conta as especificidades de cada área e de cada tipo de material analisado (artigos científicos e monografias).

Para investigar como se dá a materialidade da autoria em diferentes áreas do campo científico, buscamos analisar dois gêneros que integram o domínio discursivo da academia: artigo científico e monografia de conclusão de curso. Os quatro trabalhos, escolhidos aleatoriamente em bibliotecas dos departamentos de Letras e de Matemática da UFPE, foram publicados entre os anos de 2007 e 2009.

A análise se restringiu à introdução e à conclusão, uma vez que é nessas seções dos textos que os autores pesquisadores tendem a emergir mais explicitamente na superfície textual, na busca da defesa de seu ponto de vista, de sua tese. Tal escolha reflete o caráter da pesquisa. A análise propriamente dita objetivou buscar marcas linguísticas em que houvesse a materialização do discurso de outrem no discurso do “eu” (o texto do autor-pesquisador). Mais do que isso, buscou-se perceber o diálogo travado por esse autor-pesquisador com a academia, com a bibliografia selecionada para aquela dada pesquisa, com a academia e com o seu conhecimento técnico e de mundo, ou seja, com o outro.

Quando nos deparamos com a escrita acadêmica, esse outro não é apenas o que se materializa na linearidade textual, mas que, num sentido ainda mais amplo, é princípio constitutivo do sujeito. O discurso científico passa a ser, nesse sentido, um diálogo de consciências, a partir do reconhecimento da impossibilidade de a enunciação, aqui encarada como um evento único, ser monológica. Ainda em se tratando do campo das pesquisas acadêmicas, quando o autor-pesquisador produz o seu texto ele, ao mesmo tempo, responde ao discurso do outro autor de maneira única e irrepitível. Para Rodrigues (2009, p. 9), o pesquisador:

Faz um permanente movimento de sair de sua posição para procurar enxergar a realidade com os olhos dos autores que embasam o seu dizer, a fim de compreender o ponto de vista deles acerca de uma dada questão para, depois, voltar à sua posição de autor-pesquisador e apresentar a sua forma de ver a mesma realidade, considerando, ao mesmo tempo, a alteridade (em que se incluem também os futuros leitores).

Assim sendo, a enunciação é entendida como um evento em que o locutor apreende as vozes sociais que compõem a realidade em que está inserido. Considerando-se essa realidade como heterogênea, ele não capta apenas uma voz social, porém, em verdade, múltiplas vozes que se diversificam entre si e atuam, algumas vezes, como vozes de autoridade.

A importância da presente proposta relaciona-se à possibilidade de analisar as formas através das quais pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento (Letras e Matemática) emergem no texto como autores a partir do intermitente diálogo com a alteridade. Além disso, por considerar a enunciação como produto da interação de indivíduos socialmente organizados, a pesquisa propõe a ideia da interação verbal por meio da enunciação.

Acerca do ponto que reflete sobre a apreensão do discurso de outrem, Bakhtin observa o fato de que a língua elabora meios para inculcar outros discursos. Tal processo se insere no seio social e faz com que “toda a transmissão, particularmente sob a forma escrita, tenha seu fim específico: narrativa, processos legais, polêmica científica, etc” (Bakhtin, 2004, p. 146). Além disso, também é levado em conta um terceiro elemento do processo de interação capaz de aumentar a influência das “forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso”. Nesse sentido, Bakhtin acrescenta:

A enunciação do narrador, tendo integrado na sua composição uma outra enunciação, elabora regras sintáticas, estilísticas e composicionais para assimilá-la parcialmente, para associá-la a sua própria unidade sintática, estilística e composicional, embora conservando, pelo menos sob uma forma rudimentar, a autonomia primitiva de outrem, sem o que ele não poderia ser completamente apreendido. (Bakhtin, 2004, p. 145).

Desse modo, pretende-se analisar a constituição da autoria, isto é, como os pesquisadores de áreas do conhecimento distintas (Letras e Matemática) colocam-se nos próprios textos e articulam o diálogo com a alteridade e com as normas acadêmicas. Para tanto, faz-se necessário estudar sobre a concepção do discurso científico enquanto gênero, suas especificidades, para, então, entender como a autoria se manifesta e se materializa no evento textual acadêmico que, como afirmado neste artigo, se constitui de artigos científicos e monografias.

2. Gêneros e discurso científico

Como já afirmado, o ser humano interage e essa interação, dentre outros aspectos, se dá por meio da linguagem. A língua se emprega no meio social quando se efetua através de enunciados concretos e únicos (Bakhtin, 2003, p. 261). Esses enunciados, longe de existirem de maneira deslocada do conteúdo temático e do estilo, refletem a construção composicional. Nesse sentido, esses três pilares – conteúdo, estilo e composição – são determinados de acordo com a especificidade comunicacional, isto é, a comunicação funciona como força acionadora desses enunciados, como aponta Bronckart (1999, p. 32). Tais enunciados são produzidos de acordo com a individualidade de quem os produz, entretanto, como aponta Bakhtin (Idem, p. 262) “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais são denominamos gêneros do discurso”. Estes, por sua vez, representam os diversos formatos com que os debates e as interações sociais ganham materialidade.

Esta especificidade dos gêneros se articula com a interação travada entre os alunos-pesquisadores e seus leques de representações individuais e coletivas. Essas construções

estruturais cambiam conforme a dinamicidade dos signos e, por isso, não são fixas. São, além disso, como aponta Rodrigues (2010, p.34), “historicamente marcadas por signos cristalizados construídos no passado, que mantém uma dialogicidade com os do presente, seja por meio da re-significação ou da reiteração”.

Dessa maneira, por materializarem as atividades de linguagem na sociedade, os gêneros textuais apresentam-se, também, sob vários aspectos que configuram sua ampla gama de objetivos e de interesses. É partir desses interesses e das condições de comunicação que se determinam as variedades dos gêneros que, como já dito, constituem-se em formatos que, de maneira relativa, permanecem estáveis durante o tempo. Em se tratando do discurso científico, no caso da presente pesquisa, analisamos os gêneros artigo e monografia. Esses gêneros são “alimentados” pela interação discursiva travada na academia e representam formas relativamente estáveis de se apresentarem no decorrer da história. Contudo, mesmo sendo constituídos para fins previamente estabelecidos, tais gêneros não são absolutamente rígidos, isto é, estão intrinsecamente ligados à individualidade de cada autor-pesquisador, ao estilo individual, o que contraria o discurso tão arraigado no meio acadêmico que diz que no dizer acadêmico não há espaço para a subjetividade. Quanto a todo esse aspecto levantado, Bakhtin (2003, p. 266) aponta que “na imensa maioria dos gêneros discursivos, o estilo individual não faz parte do plano do enunciado, não serve como um objeto seu mas é, por assim dizer, um epifenômeno do enunciado, seu produto complementar”.

Nesse sentido, levando-se em conta que os gêneros em questão são constituídos sob efeito da individualidade, bem como das regras acadêmicas gerais que regem a produção dos gêneros científicos, acreditamos que no momento de produção de artigos e monografias há a exposição de certos graus de engajamento dos autores-pesquisadores, que são determinados de acordo com a intencionalidade e composição de cada gênero. Entretanto, tais fatores, que tendem a definir o que seria cada gênero, não são rígidos, pelo contrario, são permeáveis e híbridos.

Além disso, outros aspectos, como a maturidade intelectual de cada autor-pesquisador, ainda que apontada no estilo composicional do texto, não podem servir de parâmetro para uma classificação rígida (RODRIGUES, 2010, p. 35). Pelo contrário, mesmo pressupondo-se que um autor de monografia seja mais maduro intelectualmente (pois as monografias são produzidas e apresentadas ao fim da graduação ou numa especialização) do que um autor de artigo científico (visto que este gênero pode ser produzido em qualquer período do curso de graduação, inclusive numa pós-graduação), tudo depende da “individualidade do pesquisador, tais como as diferenças na sua capacidade de análise dos dados, amarração das teorias que o embasam, a habilidade de se colocar no texto sem se restringir à ratificação dos dizeres dos outros” (Idem, p. 35).

Para Rodrigues (2010), faz-se necessário, para o estudo do discurso científico, tocar no conceito de Formação Discursiva formulado por Foulcault e, mais tarde, repensado por Pêcheux. Para este, “os enunciados devem ser estudados do ponto de vista da história do seu surgimento, enquanto acontecimentos discursivos, em que grupos de enunciados relacionamse entre si” (p. 36).

Para endossar a discussão acerca da inviabilidade de conceitos fechados para os gêneros do discurso, Rodrigues comunga com Bakhtin no que se refere à relação existente entre as atividades humanas e a variedade das produções verbais:

Todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. (Bakhtin, 2003, p. 261)

Desse modo, a proposta de análise centra-se no sentido de que é preciso pensar nas condições que compõem as situações enunciativas, bem como as condições de produção, visto que, como já dito, os enunciados, apesar de se constituírem em formatos relativamente estáveis, expressam a marca de individualidade de quem os produz. Assim, “considerar o caráter relativamente estável dos gêneros é dar relevância a sua historicidade, ou seja, ao fato de eles não existirem como produtos (...) mas evoluírem” (RODRIGUES, 2010, p. 39).

Assim, é importante considerar que os gêneros do domínio discursivo da academia estão atrelados à individualidade de cada autor-pesquisador e que, por isso, as pesquisas acadêmicas tendem a se moldarem a uma relativa liberdade de estilo e às *regras do dizer* da academia. Além disso, a própria academia sofre mudanças históricas e, por conseguinte, mostra-se atenta às mudanças dos gêneros do discurso. Quanto a isso, Bakhtin aponta que

A história dos gêneros discursivos reflete de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social. Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correia de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. (BAKHTIN, 2003, p. 268).

É justamente nessa *correia de transmissão* que também pretendemos pensar a relação dos pesquisadores com os seus próprios textos. O estudo da autoria nas Ciências Exatas e Humanas, nesse sentido, dará suporte para se pensar no texto acadêmico como algo que, “assim como uma voz, é algo que sempre chama outros, que faz sempre com que outras vozes cheguem, seja por intenção, seja por efeito” (AMORIM, 2004, p.155).

3. A concepção de autoria de acordo com Michel Foucault

Pensar as questões que lançam luz sobre a representatividade do autor na produção de um texto faz com que nos voltemos para os estudos do teórico francês Michel Foucault. Em sua palestra que se transformou em livro, *O que é um autor?* (1992), o estudioso levanta a questão de que as ideias que marcaram a história das sociedades, as interrogações que impulsionaram o saber prático e o saber filosófico, juntamente com as perspectivas literárias têm, na noção de autor, um marco para se pensar na individualização das concepções, ou seja, na ação de atribuir a indivíduos o ato de produzir conhecimento.

Assim, a escrita, apesar de possuir certa regularidade em sua caracterização, está vulnerável a transgressões e inversões, a fim de que, desse modo, haja espaço para que o sujeito

desapareça. Esse apagamento do autor em seu próprio texto se conecta à relação entre a escrita e a morte. O autor cita, para ilustrar essa questão, a narrativa árabe *Mil e uma Noites*, na qual havia o intento de contar a mesma história todos os dias para que a morte fosse retardada. Contudo, essa noção de escrita passou por transformações, configurando-se como “o sacrifício da própria vida, apagamento voluntário [...]” (FOUCAULT, 1992, p. 36). Desse modo, foi dada ao escritor a ausência como marca de singularidade.

No tocante ao discurso científico, essa ausência é vista como um ponto de necessário enfoque por parte do autor. O fato de o autor dos gêneros científicos evitar, no geral, explicitar as marcas que descortinam a sua presença no texto é aplaudido por boa parte da comunidade acadêmica. Nesse sentido, como dito, a ausência passa a ser a marca, como uma obrigatoriedade linguística, para que uma pesquisa científica possua o *status* de ciência. Vejamos os segmentos abaixo, recortados de monografias de Matemática e Letras, respectivamente:

- (1) O capítulo I **aborda** a batalha do mar de Bismarck, usando-o como exemplo introdutório. **Mostra** a definição de jogos e apresenta duas formas de representação dos jogos estudados. (grifo nosso) MM
- (2) **Pretende-se** apresentar José Saramago como um escritor de ficção especulativa, que a utiliza como um recurso para o questionamento do mundo circundante e como modo de investigação acerca da realidade. (grifo nosso) ML

Observemos que os autores tendem a se afastar de seus textos, a fim de que eles ganhem caráter de impessoais, isto é, que não se percebam neles as vozes dos autores, e que a pesquisa ou o texto “fale por si só”. Para tanto, utilizaram-se, nos excertos acima, do verbo na terceira pessoa do singular. Desse modo, então, pretende-se chegar ao apagamento da autoria no discurso científico, fazendo do autor, por assim dizer, um sujeito morto.

Para fomentar a questão acerca do que vem a ser um autor, Foucault começa por expor a natureza imprecisa da noção de obra. Para o estudioso francês, a crítica precisa observar, na caracterização de tal termo, todo o bojo estrutural que compõe uma obra. Contudo, a problemática acerca desse ponto recai sobre o que considerar para a designação de obra: se se deve ser pensado sobre o “tudo” que um determinado autor produziu ou, se existe limite, em que ponto se deve parar de considerar como obra o que autor produzira em vida. Nesse sentido, outro aspecto também entra em discussão: a noção de escrita. Para o teórico, ela (a noção de escrita) “bloqueia a verificação do desaparecimento do autor e de algum modo retém o pensamento no limiar dessa supressão; com sutileza, ela preserva ainda a existência do autor” (Idem, p. 39). Porém, a busca pela ausência do autor ainda leva em conta o fato de que é preciso entender o que envolve esse desaparecimento, bem como identificar o espaço que se esvaziou. Assim, observando-se o último parágrafo da conclusão da monografia de matemática, percebemos que o autor utilizou-se da impessoalidade para dar mais créditos aos resultados de sua pesquisa, isto é, como se os dados expostos, de maneira isolada e sem a intervenção do pesquisador, levassem à pura conclusão de que os jogos matemáticos são importantes para perceber os fenômenos econômicos:

- (3) Apesar das suas limitações, o rigor analítico, a capacidade de sintetizar conceitos através de representações simbólicas e o poder de previsão dos diversos modelos fornecidos pela Teoria dos Jogos permitem concluir que modelos matemáticos

podem ser instrumentos valiosos para as abordagens qualitativas e quantitativas de diversos fenômenos que aparecem na economia e para a avaliação das previsões fornecidas pelas construções teóricas. MM

Outro aspecto levantado por Foucault relaciona-se ao pensar sobre o nome do autor. O cerne da questão estabelece-se ao enxergar o nome de quem produz uma obra como um nome próprio, como um ser nomeado, indivíduo comum e, por isso, impregnado de representações sociais. O nome do autor, entretanto, por não tratar de caracterizar fisicamente uma pessoa, figura o ponto que nos permite perceber um conjunto de marcas capazes de atribuir a autoria a um único autor.

Não sendo, então, o nome autor “um nome próprio exatamente como os outros” (Ibidem, pp. 43-44), há que se perceber que também sua figura não desempenha apenas um elemento do discurso, mas “exerce relativamente aos discursos um certo papel: assegura uma função classificativa; um tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, selecioná-los, opô-los a outros textos.” (Ibidem, pp. 44-45). Desse modo, o conjunto de textos de um autor está inserido numa sociedade e dissemina nela vários discursos que, de certo modo, singularizam a figura de quem possui a autoria. Nessa perspectiva, sob mais um aspecto postulado por Foucault (1992), a função do autor é a de fazer com que discursos circulem no seio social e, através da autoria, haja a possibilidade de punição para os discursos ditos como “transgressores”. Assim, há o reflexo de que a apropriação dos textos em voga numa determinada sociedade tenha relação com a legitimação do poder.

O discurso científico, nessa conjuntura, situa-se num processo de reconhecimento da autoria no passar dos tempos. Na Idade Média, a confiança numa obra advinha com a assinatura do autor – talvez pelo fato de que, como já dito, era através do reconhecimento da autoria que se poderia punir os responsáveis pelos discursos que iam de encontro à ideologia dominante. Nos séculos XVII e XVIII, em contrapartida, a Ciência detinha total confiabilidade e, por isso, buscar-se a autoria não se fazia necessário, já que, desse modo, recebia o *status* de “verdade”.

Assim, podemos perceber que a formação imagética acerca do autor, numa dada sociedade, emerge de acordo com as representações sociais. No fazer acadêmico, nessa perspectiva, a questão do autor torna-se ainda mais complexa por considerar, dentre outros fatores, que em cada área do conhecimento há sempre o que Foucault denomina de discursos inspiradores, isto é, centenas de outros discursos e teóricos anteriores que embasam os dizeres atuais, confirmando questionamentos da Ciência, colaborando para a descoberta de outras interrogações. Para Foucault, os “donos” das tais vozes anteriores são chamados de “fundadores da discursividade”, cuja função, para uma ideia além da obra, aproxima-se da “possibilidade e regra de formação de outros textos” (FOUCAULT, 1992, p.58).

Tanto nas Ciências Humanas quanto nas Ciências Exatas, há a busca pelo que Foucault considerou como *retorno às origens*, isto é, o voltar-se para o discurso passado, que foi materializado antes e, a partir disso, dialogar com ele e com outros teóricos a fim de transformá-lo. Isso permite a dinâmica cultural e histórica e, claro, as intermitentes interrogações desenvolvidas acerca do homem e da natureza.

Entender a constituição da autoria baseada nos pressupostos foucaultianos e relacionada ao discurso científico é, portanto, observar que a imagem feita do autorpesquisador é a que o categoriza como impessoal em sua própria escrita, ou seja, morto em seu próprio texto. Nesse sentido, mesmo acreditando estar distante do que pesquisa, não intervindo sobre o objeto de estudo ou sobre a direção dos resultados, o pesquisador consegue, através de estratégias linguísticas, revelar a sua autoria, modalizar seu texto e, claro, travar diálogos com a alteridade, com a academia e com os autores que “fundaram” o seu dizer. É justamente nessas regras e estratégias que marcam os diálogos da pesquisa acadêmica que, agora, iremos nos deter.

4. Análise do corpus

4.1 Ciências Humanas – Letras

A partir da constatação de que a língua, enquanto fenômeno social, promove a interação verbal, num constante entrecruzamento das linguagens, de ideologias e do contexto (ou de vários contextos), “não é senão em relação aos outros discursos, no „meio“ que eles se formam e „com“ eles que se constrói todo o discurso” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 36).

A interlocução, assim, passa a ter grande importância para o discurso visto como dialógico e nos dirige ao pensamento de que todo o discurso é dirigido a um interlocutor e que a mensagem destinada a este nunca está concluída. A mensagem se constitui no processo de comunicação e se edifica a partir das pontes ideológicas. Por isso que o destinatário da mensagem interage com o discurso e, deste modo, produz outros enunciados:

O discurso (como qualquer signo, em geral) é interindividual. [...] não se pode atribuir o discurso somente ao locutor [...]. Cada enunciado tem sempre um destinatário [...] e o autor da obra verbal procura e antecipa a compreensão responsiva (Idem, p.36)

Pode-se, assim, perceber a heterogeneidade no discurso uma vez que o outro, nessa conjuntura, passa a ser a condição do discurso. Para Authier-Revuz (2004), é para este outro que é dirigida uma resposta, isto é, “o discurso é determinado, ao mesmo tempo, pela réplica ainda não dita, mas solicitada e já prevista”.

Levando-se em conta tal perspectiva, procuramos demonstrar, a seguir, como a constituição da autoria se dá no trabalho científico, isto é, como os autores-pesquisadores, no momento em que produzem seus trabalhos, interagem com o outro, apagam-se ou vêm à tona e lançam mão de estratégias linguísticas para direcionar o seu dizer, com o objetivo de buscar reconhecimento na academia.

Na monografia de conclusão de curso da área de Letras, cujo título é *Avaliação do texto dissertativo no ensino médio: um estudo de procedimentos utilizados por professores de língua portuguesa*, a autora trata, de modo geral, da atual configuração da avaliação da redação no ensino médio. Para tanto, investiga quais os atuais procedimentos de correção textual empregados e os relaciona às concepções de estudiosos da área bem como ao atual panorama acerca de língua, linguagem e texto. Observemos este trecho da introdução:

- (4) **Nos dias atuais**, discute-se muito o ensino-aprendizagem da língua materna, bem como o trabalho com a produção de texto na sala de aula e o seu processo avaliativo [...]. O educando não tem sido estimulado a desenvolver as competências necessárias para que se torne um cidadão crítico, curioso e capaz de interpretar o mundo que o cerca e nele intervir, como já propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – PCN (Brasil, 1999). (grifo nosso) (ML).

Atentemos para o fato de que, já no início de sua monografia, a autora traz à tona um debate bastante atual e que talvez a tenha direcionado para a presente investigação: o ensino-aprendizagem da língua materna e o trabalho de produção e avaliação de texto em sala de aula. Nesse trecho, a monografista levanta a questão que certamente será discutida no decorrer do trabalho, mas não aponta a fonte deste debate. Noutras palavras, a pesquisadora dialoga com outros textos, com leituras de mundo e com a sua própria possível experiência de aluna ou de docente para constatar um fato. Isso, porém, não é feito de modo explícito, o que indica que a autora acredita ser o centro de seu discurso, isto é, que o que diz não é fruto de leituras pretéritas e atuais. Observemos também a expressão “nos dias atuais”. Ao modalizar seu discurso com uma expressão adverbial que marca uma delimitação no tempo, a autora se previne de possíveis contestações que poderiam surgir no sentido de desvalidar o seu dizer, apontando, por exemplo, que tal debate não era trazido à tona na década de 80.

No segundo período destacado, a monografista, ao contrário do que fez no início de seu texto, deixa-nos clara a fonte de sua fundamentação (os PCN“s). Ou seja, para apontar o problema de que hoje há pouco estímulo ao educando para o desenvolvimento de competências cidadãs, há uma retomada direta da voz que originou (voz anterior e não originária) tal polêmica. Nesse sentido, no fragmento acima, percebemos os traços da heterogeneidades mostrada e constitutiva, como proposto por Authier-Revuz (2004).

Segundo Rodrigues (2010, p.52), “é refletindo sobre o discurso da alteridade, é escrevendo sobre o que já foi escrito que se constrói a teia dialógica, que se manifesta, enfim, a plurivocalidade discursiva”. No excerto acima, texto extraído de um curso da área de Ciências Humanas, percebemos o efeito autoria se materializando a partir da alteridade, isto é, a partir do instante em que se trazem para o trabalho científico outras vozes sociais, há a efetivação do dizer, como, no seguinte caso, isso ocorre de maneira implícita e explícita. Desse modo, o texto das Ciências Humanas dialoga com discursos não apenas do passado e do presente, mas, também, com os que estão por vir, mostrando, então, o arcabouço valorativo do cientista (RODRIGUES, 2010). É nesse sentido que analisamos o próximo excerto, extraído do artigo científico de Letras intitulado *Processos inferenciais na (re) construção de sentidos do texto*:

- (5) Considerando a compreensão como processo inferencial, em que os sentidos do texto são sócio-interativamente construídos por sujeitos ativos numa ação colaborativa, percebemos a intensa mobilização dos conhecimentos de natureza variada por parte do leitor/co-autor, especialmente na leitura dos títulos. (AL)

Mesmo não citando nenhum autor nesse excerto, a autora estabelece um íntimo diálogo com as suas leituras prévias à pesquisa, bem como é o reflexo dos postulados também anteriores acerca da construção de sentido do texto a partir dos mecanismos linguísticos para a elaboração

do título, isto é, mistura a sua voz de autora-pesquisadora com outras vozes. Aspecto semelhante é visto na monografia de Letras:

- (6) O estudo no ensino médio costuma se direcionar para a preparação do aluno em sua caminhada para o processo seletivo do vestibular, e, **muitas vezes**, não o prepara para a vida, para torná-lo um cidadão crítico engajado, capaz de aprender, criar, formular ideias, defender seu ponto de vista em relação às situações observadas e refletir sobre os problemas do cotidiano. **Sabe-se** que tais habilidades são essenciais e indispensáveis para que convivamos em sociedade, bem como para que possamos nos inserir no mercado de trabalho, que já solicita esse perfil de profissional. (grifos nossos). (ML)

Para afirmar que o ensino médio não cumpre um papel social importante, que é o de tornar o aluno um cidadão, a autora recorre a outras vozes que apontam como causa de tal situação o fato de que o estudo nessa faixa escolar costuma ser limitado à preparação para o vestibular. Esse dizer ainda é modalizado pela expressão “muitas vezes”, em que a monografista, assim, exclui qualquer possibilidade de generalização e de contra-argumentação que possa desvalidar o que afirma. Essa marca modal é reforçada pelo verbo costumar que, por sua vez, também delimita a interpretação, apontando que a direção do estudo no ensino médio voltado para o vestibular não deve ser vista como uma constante, isto é, como um fato genérico.

Para reforçar ainda mais o que diz, a autora utiliza-se do “sabe-se”, a fim de que a construção ganhe sentido de “é de conhecimento de todos”. Nesse sentido, há um reapontar para a necessidade de se formar cidadãos – necessidade esta construída a partir das outras vozes que a pesquisadora traz para o seu texto e que, por sua vez, estão implícitas – e, assim, a construção se constitua como “irrefutável”, já que ela pressupõe não apenas que o interlocutor do texto domine essa informação, mas, principalmente, que ele concorde com o que foi afirmado (trata-se de uma estratégia persuasiva). Tal necessidade também é apontada a partir do discurso de que na atualidade o mercado de trabalho prefere profissionais mais atentos ao que se passa no mundo e com mais capacidade de intervenção nele; mais uma vez, há um diálogo com outras leituras que a autora traz para o seu texto, ainda que não perceba que está dialogando. Dessa forma, há um diálogo travado entre a alteridade – expresso pelas vozes que embasaram o dizer da pesquisadora –, a academia – visto que é necessária a preocupação em não generalizar, para que assim o texto ganhe força e autoridade de Ciência – e com o interlocutor – para quem o texto está dirigido.

Para Rodrigues (2010), Bakhtin afirma que o sujeito possui o papel de segundo autor, uma vez que pelo texto do primeiro autor, aquele que serve de base para seu estudo, por exemplo, é capaz de produzir outro texto, o qual é conhecido por “texto emoldurador” (BAKHTIN, 2003, p. 309 *apud* RODRIGUES, 2010, p. 52). Além disso, como nos aponta ainda a autora, esse “texto emoldurado” é responsável por avaliar, comentar esse quadro de referência:

O comentário, a análise, a observação que faz o segundo sujeito do texto do primeiro são únicos porque única é a localização espaço-temporal daquele e irrepetível é a enunciação. É nesse aspecto que reside, para o autor, o sentido do texto, é ele que justifica a sua gênese. (RODRIGUES, 2010, pp. 52-53).

Na monografia de Letras em questão, observamos que, para destacar os objetivos do estudo no ensino médio, a autora cita explicitamente o artigo 35 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394/96). Após isso, a monografista pretende ratificar o que já havia dito na introdução de seu trabalho:

- (7) O mencionado artigo confirma a dupla função da educação no ensino médio [...]. Torna-se assim essencial que as aulas de língua portuguesa estimulem o aluno a construir novos conhecimentos a partir dos seus conhecimentos prévios [...]. (ML)

Percebamos que há um claro diálogo entre a pesquisadora, os autores que embasam o seu dizer e o seu destinatário. É a defesa de uma ideia e, para conseguir convencer acerca da validade dela, o uso de outra voz de autoridade. Tal posicionamento também é percebido a seguir:

- (8) Assumindo esta postura de ensino defendida pela Lei de Diretrizes e Bases e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, o educador **deve** estimular o estudante no processo de produção do texto escrito e modificar a sua forma de avaliar e seus critérios de avaliação **que costumavam ser centrados nas questões gramaticais e estruturais** (...). (grifos nossos). (ML)

No excerto acima, através do modalizador “deve”, a pesquisadora reforça a importância de sua pesquisa, visto que com isso pretende lançar luz sobre uma avaliação textual voltada ao posicionamento individual e à criatividade do aluno. Tal consideração também é possível ser feita, a partir da observação das considerações finais da presente monografia, mas que não se aproxima da análise anterior. O uso do “deve” na conclusão, noutro sentido, mostra que, após todo o estudo ter sido realizado, a noção de obrigatoriedade acerca dos novos procedimentos de avaliação textual deve ser enfatizada. Desse modo, há um diálogo do interlocutor com a academia. É, pois, através dos dados levantados, da pesquisa teórica e do método de pesquisa que ela é chamada a tomar certas atitudes no que tange à temática em pauta. A autora, assim, pretende convencer o outro de que os seus estudos levaram-na a uma proposta que, segundo ela, é muito válida:

- (9) [...] Para isso, a avaliação **não deve** se deter no diagnóstico dos aspectos microestruturais do texto, **mas deve** se constituir numa análise da redação de forma mais ampla [...]. (grifos nossos). (ML)

É possível inferir, além disso, que a autora acredita ser o centro de seu dizer, já que aponta para uma discussão de essencial mote para a sua pesquisa: o fato de os professores, na avaliação do texto escolar, costumarem observar as questões gramaticais e estruturais. Esse é certamente um debate que não fora iniciado pela pesquisadora, ainda que, em determinados segmentos, ela trate de tal problemática sem deixar explícitas as vozes que antecederam a sua. Assim, entendemos que:

O autor-pesquisador não tem, pois, plena consciência dessa segunda voz e esse aspecto aponta para especificidades desse diálogo. Talvez seja exatamente essa “não consciência” que permita a fluência do ato criador e, então, alimentando a necessária ilusão de que a sua produção discursiva é exclusivamente sua, ele, o autor, atua como

regente de sua própria voz e das vozes dos outros. (RODRIGUES & MATOS LUNA, 2010, p. 302).

Sobre os objetivos da pesquisa em pauta, a autora ainda dialoga com o seu interlocutor ao pretender se “afastar” de algumas intenções para o resultado da pesquisa e, claro, se aproximar de outras:

(10) No decorrer deste estudo, não temos a intenção de solucionar problemas encontrados na atividade de produção de texto no ensino médio, mas sim objetivamos questionar, refletir acerca dos temas *produção textual* e *avaliação* (...). (grifos da autora). (ML)

Assim sendo, há um debate entre a voz de quem está se propondo a atingir determinados resultados e a voz de quem cria possíveis expectativas acerca do que está lendo. Ao deixar clara essa delimitação de objetivo, há outro diálogo com a alteridade (a comunidade acadêmica, nesse caso), que estabelece as “regras do dizer” e afirma que, no gênero em pauta, a delimitação dos objetivos é de fundamental importância.

4.2 Ciências Exatas - Matemática

Apoiando-nos no que Bakhtin (2003, p. 394) discute acerca da “Metodologia nas Ciências Humanas”, na obra *Estética da Criação Verbal*, percebemos uma diferenciação entre as Ciências Humanas e Exatas através do tipo de objeto de estudo. As humanidades buscam conhecer o homem, ao passo em que as exatas procuram a coisa. Nesse sentido, propusemos verificar como a autoria nas Ciências Exatas é materializada, já que, como dito, o olhar do pesquisador dessa área recai sobre um objeto que, como nos aponta Bakhtin (2003, p. 394, *apud* Rodrigues & Luna, 2010, p. 294), “é a coisa morta, dotada apenas de aparência, só existe para o outro e pode ser totalmente revelada por um ato individual unilateral do outro”.

Para ilustrar esse pensamento, detemo-nos numa monografia de conclusão de curso de Matemática da Universidade Federal de Pernambuco, do ano de 2007, intitulada *Teoria dos jogos na economia matemática*. Em sua introdução, o autor-pesquisador faz uma breve consideração acerca da criação da teoria dos jogos e sua aplicação, desde o início até os dias de hoje, quando passou a ser empregada pela economia. Depois disso, o monografista volta-se para a estrutura de seu trabalho e rapidamente descreve cada capítulo da pesquisa, mostrando o que fundamenta as estratégias dessa teoria e a sua aplicação. Vejamos um recorte do segundo período da introdução:

(11) A teoria dos jogos trata do estudo formal do conflito e da cooperação, utilizando a matemática para modelar fenômenos que podem ser observados quando dois ou mais “agentes de decisão” determinam quais estratégias racionais são ótimas em uma determinada situação. (MM)

Percebemos que o autor tece considerações sobre a teoria dos jogos a partir de características intrínsecas. Tal especificidade é vista, por exemplo, no termo próprio de sua área utilizado no tema tratado: “agentes de decisão”. Todo esse hermetismo quanto ao tema e a sua conceituação, que não permite amplas comunicações entre o dado objeto e o pesquisador,

denotam o motivo pelo qual o estudo dessa teoria pode ser considerado como conectado às Ciências Exatas e, como dito acima, “é a coisa morta, dotada apenas de aparência”. (Idem, p. 394).

Noutro aspecto, como se vê num trecho do artigo científico de Matemática, intitulado *Dispersive Estimates for the Schrödinger Equation with Potentials of Critical Regularity*, percebemos que há uma marcação de maior certeza sobre o que se diz pelo fato de o problema ser deduzível (no caso da presente pesquisa, através de cálculos):

(12) Ficou claro que em dimensões um, dois e três, a não regularidade é preciso ser provada. Em dimensões superiores, a mesma conclusão continua a ser verdade [...] mas não é verdade em altas frequências. Na verdade, do ponto de vista puramente matemático o problema de provar torna-se difícil apenas para altas frequências. É por isso que, no presente trabalho, estaremos interessados em observar apenas as altas frequências. (tradução nossa) (AM).

O pesquisador, através de cálculos que aqui não foram mostrados, comprova sua hipótese. Noutras palavras, há um diálogo travado entre ele, o pesquisador, o leitor – que agora estará atento ao foco do artigo científico –, as regras da academia – que, para a presente área, recomenda que tudo que é analisado deve, antes, ser comprovado ou, ao menos, direcionado para a busca de uma comprovação.

Dessa maneira, é dada ao pesquisador, de acordo com Rodrigues & Luna (201, p. 295), a impressão de “que o seu objeto é acabado e completo, ou seja, ao pesquisador é possível contemplá-lo em sua totalidade, em um estado específico. Tal ação independe da subjetividade do cientista. Eles se bastam”.

Mais adiante, o autor-pesquisador, através do uso da primeira pessoa do plural, denuncia a autoria da pesquisa e se posiciona no texto:

(13) Nessa monografia trataremos da Teoria Econômica dos Jogos, cujas motivações são predominantemente econômicas e procura estabelecer métodos para se maximizar o ganho (*payoff*). (grifo do autor) (MM).

Observemos o fato de que o autor articula a sua voz com a de outros autores, com as suas leituras prévias para a escrita da pesquisa, bem como articula ao trabalho toda a sua experiência acadêmica. Mesmo sem citar diretamente nenhum autor que embasou a sua discussão, nesse trecho, é possível pensar o diálogo travado com a alteridade, ao apontar que as motivações da Teoria Econômica dos Jogos são predominantemente econômicas e procuram maximizar o ganho através de métodos. Além disso, o uso do “predominantemente” revela que o autor se afasta da responsabilidade do que diz ao modalizar que a motivação da Teoria dos Jogos não é genericamente econômica. Assim, há um diálogo entre os autores que previamente embasaram o dizer do autor-pesquisador e o interlocutor do texto, isto é, para quem a pesquisa será dirigida.

Acerca do que foi levantado sobre a direção da investigação científica, é justamente levando-se em conta o fato de que o autor, por vezes, trava diálogos com a alteridade, mas não

deixa clara a influência dessas outras vozes, que o excerto a seguir revela a ilusão de centro no próprio texto:

(14) O capítulo I aborda a batalha do mar de Bismarck, usando-o como exemplo introdutório [...] No capítulo II teremos as principais estratégias e soluções que regem a teoria dos jogos [...] Por fim, o capítulo III apresentará um breve comentário das aplicações da teoria dos jogos em diversos campos de estudo. (MM).

Reparemos que nenhum autor que possivelmente serviu de aporte teórico para a pesquisa é citado. Nesse sentido, o monografista acredita ser o centro do que diz e não sofrer a influência de outros matemáticos, por exemplo, no momento em que se depara com a escrita do texto; ou que os capítulos enumerados não se inter-relacionam através do aporte teórico estudado e das influências das múltiplas vozes que acompanharam o autor-pesquisador durante toda a graduação. Quanto a isso, Rodrigues & Luna evidenciam que:

Esse autor alimenta, em seu imaginário, a ilusão de que orchestra essas vozes. Quando, por exemplo, ele faz uma citação e delimita o espaço de atuação do autor citado, acredita que a outra parte do texto, em que não há presenças explícitas de outrem, é unicamente sua. (Rodrigues & Matos Luna, 2010, p. 302).

Ao terminar a introdução, o pesquisador graduando fala de suas expectativas sobre o fim da leitura do estudo em pauta e, assim, consegue articular tal intenção ao que apontou mais atrás no texto, nos objetivos da pesquisa. Vejamos o último parágrafo da introdução:

(15) Após o término da leitura deste trabalho, é esperado que o leitor possua um conhecimento básico da teoria dos jogos e de suas aplicações, tornando-o mais racional em suas estratégias nos jogos que futuramente venham a fazer a parte. (MM).

Agora observemos o que ele havia colocado alguns parágrafos antes, quando se referiu aos objetivos da monografia:

(16) A monografia tem como objetivo fornecer um conhecimento teórico básico sobre o assunto, tendo como abordagem principal a economia, incentivando futuros e aplicações da teoria dos jogos por acadêmicos matemáticos. (MM).

Além de querer ratificar os objetivos, notemos como o autor se posiciona quando se direciona a um objetivo restrito: o de fazer com que o seu leitor construa um *conhecimento básico* sobre o tema tratado. Tanto no parágrafo referente aos objetivos, quanto na parte final da introdução, há o claro compromisso com a empreitada de que o leitor consiga entender pelo menos o básico sobre a teoria dos jogos. Assim, limitando-se o comprometimento com os resultados, o autor modaliza o seu texto e assume mais um diálogo com a alteridade e também com as regras da academia e, por conseguinte, da Ciência, ao afirmar que o seu trabalho tem como um dos objetivos o “abrir de portas” para mais pesquisadores da área.

5. Considerações finais

O presente estudo aponta para o fato de que a produção científica, mesmo sendo assinada por autores corporificados, não se dá sozinha, pelo contrário, é o reflexo de mais de uma consciência. Desse modo, o papel dos autores-pesquisadores, no momento em que produzem suas pesquisas, vai além do modelo automático de produzir para expor. Em verdade, mostra-se caracterizado pelo constante embate de vozes sociais e discursivas capazes de não apenas marcar a presença da fonte como, por exemplo, se observa em alguma citação de outros textos bibliográficos, mas sendo esse diálogo a própria constituição do sujeito pesquisador – levando-se em conta, além disso, que tais autores são seres inacabados e estão constantemente marcados pela presença da alteridade.

Na inevitável interação entre o eu e o outro, não há a perda da noção das regras acadêmicas que, inclusive, configuram o gênero escolhido pelo autor-pesquisador para que seja veiculada a sua pesquisa. Contudo, o executar de tais regras não é uniforme, e sim capaz de adequar-se para atender a uma perspectiva de persuasão. Assim, considerando que o texto acadêmico, seja de qualquer área, é um fazer persuasivo – já que se pretende convencer o leitor e a comunidade acadêmica da relevância ou veracidade do que está sendo produzido –, pode-se pensar em subjetividade no fazer científico, mesmo tal constatação indo de encontro à concepção de senso comum que postula que o texto da Ciência é impessoal.

Assim, o internalizar as regras do dizer científico, bem como a influência de outras vozes para a constituição do bojo teórico e valorativo de uma perspectiva acadêmica, contribui para a configuração do efeito-autoria, estando no fato de o discurso ser irrepetível o ponto principal para transformar pesquisadores em autores.

Houve, nas amostras de monografias e de artigos científicos de Letras e Matemática, algumas tendências, por parte dos autores-pesquisadores, de uso de estratégias cujo objetivo era adequar o seu dizer ao dogmatismo da academia e, claro, ainda assim, emergir no próprio texto. O uso de verbos em suas formas pessoais ou a adoção de modalizadores forneceram ao texto a promoção do apagamento do sujeito ou, de outro modo, a presença dele, observada, dentre outros aspectos, pela intencionalidade com que se diz. Isso nos aponta para o fato de que, mesmo em espaços discursivos em que se convencionou o apagar das marcas de personalidade (independentemente da área), há, sim, possibilidades de se expor a individualidade e de posicionar-se como autor.

A pesquisa também nos mostrou que é preciso rever algumas concepções de senso comum arraigadas social e cientificamente. O fazer acadêmico, como já dito, é um fazer persuasivo e, portanto, utiliza-se de estratégias linguísticas que refletem uma intencionalidade, sendo, portanto, subjetivo. O autor, desse modo, em qualquer área do saber em que esteja identificado é, antes de tudo, um ser social, que se posiciona valorativamente, e que é capaz de dialogar com outros autores, isto é, outras consciências e emergir em seu próprio texto, efetivando a sua autoria.

6. Referências bibliográficas

AMORIM, M. **O Pesquisador e seu Outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a Transparência e a Opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ARAÚJO, L. **Avaliação do Texto Dissertativo no Ensino Médio: um estudo de procedimentos utilizados por professores de Língua Portuguesa**. Monografia, CAC, UFPE, Recife, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2004.

BRAIT, B. As Vozes Bakhtinianas e o Diálogo Inconcluso. *In*: BARROS, D. L.P. e Fiorin, J. L (Orgs). **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade – em torno de Bakhtin**. 2ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

BRONCKART, J. P. **Atividade de Linguagem, Textos e Discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

CARDOSO, F.; CUEVAS, C. Dispersive Estimates for the Schrödinger Equation with Potentials of Critical Regularity. **Cubo: a Mathematical Journal**. vol.11, n. 5, Universidad de La Frontera/Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

FARACO, C. A. Autor e Autoria. *In*: Brait, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

RODRIGUES, S.G.C. **Questões de Dialogismo: o discurso científico, o eu e os outros**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.

RODRIGUES, S. G. C; LUNA, M. J. de M. A Produção Discursiva nas Ciências Exatas e a Constituição do Autor-Pesquisador. *In*: MOURA, V.; Damianovic, M. C.; LEAL, V. (Org.). **O Ensino de Línguas: concepções & práticas universitárias**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

SILVA, N. Processos Inferenciais na (re)Construção de Sentidos do Texto. **Revista ao Pé da Letra**. V. 10.1. Recife, 2008.